

VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — DEZEMBRO 1927

NUMERO 4

VERDE, POEMAS CRONOLOGICOS E OUTROS POEMAS

Foi em maio deste ano que conheci Rosario Fusco, e, logo em seguida, todos aqueles que hoje fazem parte do grupo verde. Autor, que sou, de um livro de poemas (Turrís eburnea, M. Lobato & Comp. 1923 — edição esquecida) entendeu Rosario de mandar-me, porisso, alguns versos seus, acompanhados de uma carta interessantíssima.

Saí imediatamente á procura do poeta pelas poucas ruas da cidade pequenina, a perguntar a uns e a outros onde era a sua casa, onde trabalhava, etc. Não trabalhava nem tinha casa. Mesmo assim, com pouco sacrificio, topámos logo. Depois desse dia vieram outras cartas de Rosario e outros poetas. Resultado: em Junho eramos nove, dos quaes oito escritores e o pianista Renato Gama.

Foi um pasmo.

Rosario levantou a idéa do *Jazz band*, jornaleco safado e inelegivel. Propuz então uma revista. Quatorze dias depois saía o primeiro numero da *Verde*. Saíu porque não pensámos na responsabilidade. Nem programa. Nem dinheiro. Nem colaboração. Nem nada. Juntámos umas coisas e mandámos imprimir. Colaboração, dinheiro, programa e responsabilidade viriam depois.

Bôas noticias. De jornaes que não esperavamos. Resolvemos então a pedir colaboração, mas na quasi certeza de que tudo ia ser negado. Pois quê! Colaborar, gente grossa de S. Paulo, Rio, Belo Horizonte e Juiz de Fôra, numa revista de Cataguazes, cafundó dos diabos?

Mas, com surpresa nossa, vieram vindo as comidas. E no dia em que chegaram as do Mario e do Alcântara, o rondó do brigadeiro e o aventureiro Ulysses, foi um sarilho na redação emprestada da *Verde*. E veio vindo a canalha grossa.

Eis que um dia, porém, houve uma desconfiança. Foi quando recebemos coisa de Blaise Cendrars e um bilheteinho sujo do Milliet. Eu falei pro Fusco: isto é tróte. Tróte do Alcântara, do Mario, de todos. O Cendrars não está no Rio, e, mesmo que estivesse, não nos mandaria verso. Quanto ao Milliet é um safadão de marca. Eles querem

é ridicularisar a gente. E danamos a procurar o nome do Cendrars nos jornais. Estavamos abatidos com a desconfiança. Seria uma vergonha. No dia seguinte veio o Rosario, com as suas pernas quilometricas, trazendo uma pagina do Correio da Manhã, onde vermelhava um traço marcando a noticia. Cendrars no Rio! Que alivio! Acreditámos então na autenticidade do verso do francez, no bilhete do Sergio e retirámos em seguida o adjetivo com que ultrajámos este ultimo.

Sai o terceiro numero. Alguns criticos, o que ainda mais nos embaraçou, consideram *Verde* a melhor revista literaria moderna no Brasil, pelo facto de haver congregado num só grupo todos os grupos modernistas de valor do Paiz.

Cataguazes, a pobre cidadela, que tem sido vitima da pena de muitas pennas, sem intuito nenhum de trocadilho, é promovida a centro intelectual. Mario e Alcântara, os bichões, escrevem-nos pedindo para que *Verde* não môrra.

Aí por esta altura ficámos importantes...

Pensámos mesmo num livro. Ascanio, Fusco e eu. Chamámos á parte o Daniel, chefe das oficinas emprestadas da *Verde*. Tudo combinado. Coisa barata e bôa. E em breve, ou melhor, por estes dias, os leitores terão os *Poemas Cronologicos*. Depois virá o livro de Francisco Peixoto. E logo em seguida Martins Mendes e Guilhermino César, conjuntamente, editarão vinte poemas. E' que em Minas o espirito moderno se tem demonstrado apenas por meio de revistas efemerias e jornaes de diminuta procura. Embora partindo de nós, achamos que o ezemplo merece consideração especial.

Belo Horisonte, com um grupo brilhantissimo, sem jornal e sem revista, precisa lançar mão do livro. E Juiz de Fôra tambem. E esses intellectuaes levarão sobre nós uma grande vantagem: a vantagem de haver entre eles bons prosadores—coisa que anda em crise por cá.

HENRIQUE DE RESENDE.